

03 JUN 2003

GAZETA MERCANTIL

POLÍTICA ECONÔMICA

economia Brasil

12

Pressão sobre o juro cruza o Atlântico

Vice-presidente pede juro baixo em Brasília; Lula, em Genebra, diz que haverá novidade "logo"

Assis Moreira
de Genebra (Suíça)

A pressão dentro do governo se intensifica para o Banco Central baixar as taxas de juros e abrir espaço para a retomada do crescimento, seis meses depois de o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ter se instalado no Palácio do Planalto.

Ontem, enquanto em Brasília o presidente em exercício, José Alencar, voltava a defender uma decisão política para o País retomar o crescimento, em Genebra o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, era, mais uma vez, incisivo: "O Banco Central não reage a pressão política, reage apenas a pressão da inflação."

Pouco antes, também em Genebra, o ministro do Trabalho, Jacques Wagner, observou que o presidente Lula "está topando até agora (os juros altos), mas sabendo que tem de dar a virada."

Antes de retornar ao Brasil, o presidente sinalizou que não perde de vista questão. "Converso sobre juros todo dia", disse. Mas também deixou claro que quer resolver os problemas "com tranquilidade e sem nenhuma precipitação, (queda dos juros) não se faz com bravata."

Num momento de pressão particularmente forte sobre Palocci, o presidente reafirmou sua confiança no ministro da Fazenda, observando bem humorado que "Palocci às vezes tem mais bom senso e é mais equilibrado do que eu."

A questão dos juros não cessou de ser focalizada nos debates internos a 11 mil quilômetros de distância do Brasil.

Segundo um membro da comitiva presidencial, Lula discutiu com ministros em sua viagem para o encontro do G-8 (sete países mais ricos do mundo mais a Rússia) uma forma de reduzir juros sem perder o controle da inflação, acreditando que "logo, logo vai ter novidades."

Em entrevista num calor nordestino em Genebra, o ministro do Trabalho, Jacques Wagner, minimizou diferenças dentro do governo, mas ao mesmo tempo reconheceu que "o timing é que pode ser diferente."

Exemplificou usando a imagem de economia numa unidade de tratamento intensivo (UTI). Para o ministro, a questão é que, se o paciente está na UTI, é a junta médica (a equipe econômica) que decide se o manda de volta para o quarto ou para casa. E, em hospitais e no governo, há os ousados e os prudentes.

"Essa é a aposta", disse. "Se a gente não consegue o momento certo, ou pela junta médica ou pela política, podemos reincidir no mesmo erro do governo FHC (Fernando Henrique Cardoso)."

Mas "se a gente tiver uma junta médica (a equipe econômica) que estenda o prazo (dos juros altos)

em função da receita, vai chegar uma hora que no choque com a junta política se diga sinto muito, tchau e benção."

E o impacto é evidente: "Ao não se fazer o que é esperado provoca-se desgaste." Wagner diz que não há ninguém no ministério que não esteja consciente de "todas as ponderações" e que a bancada de 90 deputados do PT também tem sido consultada. "Desconheço quem defende manutenção de juros altos no governo."

Mas acrescentou: "O nosso compromisso é o desenvolvimento, geração de emprego. Se não colocarmos a economia para crescer, não vamos fazer aquilo que é mais importante no compromisso dele (Lula). Seu compromisso não foi só de organizar a economia."

Duas horas depois, Palocci reiterava sua resposta às pressões crescentes no governo.

"Todos querem crescimento,

principalmente o governo. O mundo inteiro quer crescer. Mas é preciso encarar isso como desafio, não como um problema Fla x Flu", disse, referindo-se aos times de futebol Flamengo e Fluminense, de histórica rivalidade.

Palocci acrescentou: "Não fazemos política econômica para responder a objetivos dos planos político-partidários. O BC não pode funcionar com critérios de avaliação político-partidários."

Para o ministro, a questão é clara: "Ou tem o Banco Central para controlar a inflação ou um BC político. A única pressão que vale para a política monetária é a pressão da inflação."

O ministro disse que o debate do "timing" vai ser administrado "falando a verdade."

Para Palocci, a opção de desenvolvimento com inflação alta provoca desastre, como já foi o caso no passado no Brasil.